

## A CONCEPÇÃO PLATÔNICA DA ALMA

**Aluno (a): Mônica Baptista Costa**  
**Orientador (a): Irley Fernandes Franco**

### I – Introdução

Nessa segunda etapa do projeto, retomamos o *Fédon*, e acrescentamos a leitura do *Mênon*, *República* e *Fedro*, a fim de apresentar uma noção platônica de alma mais abrangente. Esses quatro diálogos, considerados escatológicos pela maior parte dos historiadores da filosofia, expõem cada um deles uma especificidade a respeito da alma: a sua condição imortal (*Mênon*, *Fédon* e *Fedro*); a sua tripartição (*República* e *Fedro*); as experiências que vivencia no mundo inteligível, de acordo com a sua conduta virtuosa ou viciosa no mundo sensível (*Fédon* e *Fedro*); e as possibilidades de retorno ao corpo (*República* e *Fedro*). Uma interpretação transversal desses quatro diálogos indica que as características que destacamos em cada um remetem, em conjunto, a uma concepção de alma na sua possibilidade mais virtuosa, e por isso mesmo capaz de ascender, no mundo inteligível, às Idéias.

Embora muito da argumentação platônica, nesses quatro diálogos, seja lógico-discursiva, Platão não se abstém de usar adágios, citações literárias, e principalmente mitos como meios explanatórios daquilo que a linguagem filosófica comum não dá conta. Por isso julgamos também importante resgatar aqui os mitos utilizados para explicitar sua concepção de alma.

### II – Características da alma

#### II.1) Sobre sua condição imortal

O argumento da imortalidade da alma é elaborado no *Fédon*, através de três teorias: a dos contrários (70c–72e; 102b–107b); a da reminiscência (72e–77a), que já havia sido exposta no *Mênon* (81a–d); e a da semelhança (77b–80b).

Segundo a teoria dos contrários uma coisa nasce do seu contrário, gera e é gerada, sempre que há relação entre ambos, de maneira cíclica, para uma compensação recíproca das gerações. Além da geração recíproca, há a rejeição recíproca. Uma coisa não admite a presença do seu contrário mesmo quando a oposição não é direta.

A respeito da reminiscência, a alma aprende porque nas tantas vezes em que nasce, recebe as informações do mundo sensível; e nas tantas vezes que está no seu estado puro, separada do corpo, contempla as coisas em si no mundo inteligível. Assim, não há nada que ela não tenha aprendido. Por isso aprender é, na verdade, recordar.

Por fim, a teoria da semelhança nos diz que, por analogia, a alma se assemelha às coisas eternas, imortais e divinas. As coisas compostas são suscetíveis à decomposição, enquanto as substâncias simples não o são. O corpo é composto, multiforme e corruptível. Por semelhança, o corpo é mortal. Por outro lado, a alma é uma substância simples. Tem forma única, é indissolúvel e com identidade permanente. Por semelhança, a alma é imortal.

No *Fedro*, a imortalidade da alma é fundamentada por sua definição. Ela é princípio do movimento e é em consequência entendida como não gerada e eterna. Ela move a si mesma, e, enquanto tal, é imortal; diferentemente daquilo que é movido por ela e cessa quando separado dela.

#### II.2) Sobre as três partes que a compõem

Na *República* temos o argumento de que a alma não é um bloco unitário, ao contrário, está dividida em três partes: a racional, responsável pelo desejo de contemplação do Ser; a

irascível, que deseja as honrarias e o poder e a apetitiva, responsável pelas necessidades vegetativas, como fome, sede e outros desejos e paixões (439d / 580d). O argumento da tripartição se repete no *Fedro*, no mito da carruagem alada.

### II.3) Sobre as experiências que vivencia no mundo inteligível

Encontramos os mitos utilizados como possibilidade para tais experiências no *Fedro* (249c-250a) e no *Fédon* (107-114). No *Fédon*, a alma é submetida a um julgamento que resultará na sua submissão aos métodos de purificação, ou em longos períodos de punição. No *Fedro*, o mito da carruagem alada indica as dificuldades que a alma enfrenta para contemplar as Idéias.

### II.4) Sobre as possibilidades de retorno ao mundo sensível

Dois diálogos nos apresentam possibilidades distintas de retorno das almas ao mundo sensível: na *República*, é a alma que faz a escolha da vida que deseja (Mito de Er, 614b); e no *Fedro*, a união da alma a um corpo animal ou humano, amigo do saber, político ou artífice, é dada em consequência do grau de acesso que ela teve para contemplação das realidades no mundo inteligível (248-249).

## III) Conclusão

Para Platão a alma é imortal, contempla as Idéias no mundo inteligível, encarna diversas vezes, e governa o corpo. Por isso aos amigos da sabedoria cabe o esforço de uma conduta no mundo sensível desapegada de todos os prazeres do corpo (*Fédon*, 65a) para a absolvição no julgamento ao qual a alma é submetida no mundo inteligível a fim de conseguir se aproximar e contemplar a Verdade em si, a Sabedoria, o verdadeiro Ser que rege todo o universo. O filósofo busca a essência, que não é desvirtuada nem pela ação da geração nem pela corrupção (*República* 485b).

A morte, para o filósofo, é momento importantíssimo nesse processo. É esperança de purificação através da separação de corpo e alma. Embora o primeiro argumento para justificar a importância da morte tenha sido o de encontrar com deuses e outros homens sábios e bons (*Fédon*, 63b); o argumento principal é o de que a única forma de contemplar a Sabedoria em si é em estado puro. As coisas em si mesmas só são acessíveis à alma quando captadas por um sentido independente do corpo (*Fédon* 66e). O saber elaborado com base em informações recebidas dos sentidos é falho, porque tais informações são deturpadas. Enquanto presa ao corpo, a alma não é capaz de alcançar à Verdade.

## Referências

- PLATÃO. *Mênon*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio / São Paulo: Edições Loyola, 2001. Tradução de Maura Iglesias.
- PLATÃO. *Fédon*. São Paulo, Ed. Abril Cultural, 1972 (coleção Pensadores). Tradução de Jorge Paleikat e João Cruz Costa.
- PLATÃO. *A República*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbekian, 9ªed.. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira.
- PLATÃO. *Fedro*. Lisboa, Edições 70. Tradução de José Ribeiro Ferreira.
- AUDI, Robert (org.). *Dicionário de Filosofia de Cambridge*. São Paulo, Ed. Paulus, 2006.
- ELIADE, M. e COULIANO, J.P. *Dicionário das Religiões*. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1995.
- REALE, G. *Corpo, Alma e Saúde. O Conceito de Homem de Homero a Platão*. São Paulo, Ed. Paulus, 2002.